

REVISTA DA ORDEM DOS MÉDICOS  
[www.ordemosmedicos.pt](http://www.ordemosmedicos.pt)



Que 2022 seja o ano zero contra a violência no setor da saúde

## Olhar o passado é compreender o presente e preparar o futuro

De 13 a 15 de outubro Coimbra acolheu o congresso organizado pelo Núcleo de História da Medicina da Ordem dos Médicos (NHMOM), que teve contributos de especialistas de Portugal, Inglaterra e Austrália, quer da área das ciências médicas e das farmacêuticas, quer da história. Este encontro de história da medicina, que tinha sido adiado devido à pandemia de COVID-19, teve como objetivo ser um espaço de reflexão sobre a utilidade das experiências e ensinamentos do passado. Como pano de fundo para essa reflexão todas as crises sanitárias pelas quais a humanidade já passou e o seu grande impacto social. O congresso trouxe também à reflexão a história da Universidade de Coimbra (UC), uma das mais antigas da Europa. O programa incluiu duas homenagens: ao ex-bastonário da Ordem dos Médicos, António Gentil Martins, e a Renato Trincão, patrono do Museu de Anatomia Patológica.

TEXTO: PAULA FORTUNATO

FOTOS: PAULA CARMO

A sessão de abertura do primeiro dia do congresso internacional "Scientiae thesaurus mirabilis: A Universidade de Coimbra - História e legado em tempo de pandemia", contou com a presença do bastonário, Miguel Guimarães, presidente deste congresso, que elogiou o trabalho de Carlos Cortes à frente da SRCOM, nomeadamente pelas muitas iniciativas culturais das quais o acolhimento deste congresso organizado pelo Núcleo de História da Medicina da Ordem dos Médicos é um bom exemplo. Dirigiu também palavras de enaltecimento a Germano de Sousa, ex-bastonário da OM, que presidiu ao conselho científico deste congresso internacional e à presidente da comissão organizadora, Maria do Sameiro Barroso. Entrando na história da medicina, Miguel Guimarães recordou alguns factos sobre a evolução das pandemias e do conhecimento médico a elas ligado, lembrando a forma como na antiguidade se atribuía a origem das doenças a fonte de castigo di-



vino. Também os negacionismos, que atravessaram séculos, foram mencionados pelo representante máximo dos médicos, mas essencialmente para evidenciar como também foi possível nesse passado mais ou menos longínquo "fazer incidir a luz da ciência" para maior eficácia do combate às pandemias. Um exemplo que Miguel Guimarães deu na sua intervenção foi a origem primordial da quarentena, "imposta como forma de proteger as cidades costeiras da peste". Pela importância que o estudo da história da medicina tem para a compreensão e promoção da ciência, o bastonário parabenizou a organização, o Núcleo de História da Medicina da Ordem dos Médicos e os oradores destas jornadas pelo seu valioso contributo.

Também Carlos Cortes, presidente do Conselho Regional do Centro da OM e presidente executivo do congresso de história da medicina, referiu a importância da temática deste encontro, salientando o





atualidade (...) e a construir o futuro”, podendo, se dela escolhermos as lições certas, levar à opção por “um caminho muito melhor”.

Arnaldo Figueiredo, professor agregado da Universidade de Coimbra, aqui como representante do diretor da Faculdade de Medicina dessa Universidade, referiu a perplexidade que sente ao perceber o desconhecimento de questões básicas da história da medicina, um desconhecimento do qual se apercebe quando “testa os alunos”. Mas esses fragmentos de história são por si considerados “muito importantes”, uma verdadeira “âncora” para a prática da medicina. Arnaldo Figueiredo deixou votos de que o encontro possa contribuir para desenvolver competências deste tema “relevantíssimo”.

Cristina Padez, coordenadora do Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, da UC falou brevemente da importância do estudo da história para melhor trabalhar no presente das populações e para o bem-estar das mesmas, frisando que “todos temos muito a aprender a partir de sessões temáticas como estas que não podiam ser mais atuais nestes tempos de pandemia”. Cristina Padez frisou como “a antropologia pode dar um contributo muito relevante para o entendimento do aparecimento das doenças, mas também para a forma como lidamos com elas”.

“grande impacto social” das várias crises que se têm sucedido, da financeira à mais recente: “a maior crise sanitária desde a gripe espanhola, a pneumónica, e agora por força da crise bélica na Europa, temos uma crise energética”, lamentou, recordando o conceito de Nietzsche do “eterno retorno” e aplicando-o à história. Porque “a história não acabou, continua a acontecer” e é ela que nos “ajuda a compreender a

## Quem não sabe de onde vem, não sabe para onde vai!

Na sessão de abertura, Germano de Sousa enalteceu o trabalho da médica Maria do Sameiro Barroso pela forma dedicada como tem desenvolvido a atividade do Núcleo de História da Medicina da Ordem dos Médicos, deixando votos quer para o sucesso das jornadas quer para o crescimento deste núcleo. Maria do Sameiro Barroso, enquanto presidente do NHMOM, agradeceu a todos os representantes da OM presentes o apoio à iniciativa. Em seguida lembrou que “quem não sabe de onde vem, não sabe para onde vai”, frisando dessa maneira a importância da história pois “olhar o que se passou na profissão [ao longo dos séculos] ensina-nos muito para o futuro”. Lembrando que “quando pensamos na humanização da medicina” devemos pensar para além dos doentes, humanizando também a prática médica de forma a que os profissionais tenham tempo para se dedicar à investigação da



história, Maria do Sameiro Barroso enalteceu o papel dos médicos como “promotores de cultura”. Da investigação a múltiplas artes como o colecionismo de instrumentos médicos, exemplificou. “Orgulho-me muito que haja no nosso país jovens médicos



## Maria do Sameiro Barroso enalteceu o papel dos médicos como “promotores de cultura”.

que estão a fazer o seu trabalho e que simultaneamente estão a investigar história da medicina com trabalhos de qualidade internacional”. Sobre a ideia deste congresso, Maria do Sameiro Barroso não podia deixar de agradecer ao médico Alfredo Rasteiro por ter sido ele a propor que se fizesse este trabalho sobre a Universidade de Coimbra. Foi precisamente Alfredo Rasteiro que apresentou, em momento posterior, o “acervo histórico e livro antigo da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra”. “Coimbra é um museu vivo com muitas preciosidades que devem ser trazidas à luz”, elogiou Maria do Sameiro Barroso, referenciando apenas como exemplo os instrumentos cirúrgicos presentes em Coimbriga “com os quais os nossos colegas da época romana tratavam e observavam os seus doentes”.

A presidente da comissão organizadora salientou o caráter internacional do encontro destacando a presença do jovem médico italiano Francesco Maria Galassi que optou por fazer carreira dedicando-se ao estudo da história da medicina.

### “A minha obsessão foi sempre o doente”

O vasto programa do congresso incluiu duas homenagens, a primeira das quais ao ex-bastonário da Ordem dos Médicos, António Gentil Martins, cirurgia pioneiro na separação de gémeos siameses e a segunda a Renato Trincão, patrono do Museu de Anatomia Patológica (ver página 44).

A apresentação de tributo a Gentil Martins foi proferida por Fátima Carvalho, médica que partilha a especialidade do homenageado: cirurgia pediátrica, um “pormenor” que tornou esta cerimónia muito diferente de todas as homenagens de que já foi alvo e que foi muito apreciado pelo ex-bastonário, como viria a comentar numa conversa posterior. “Também escolhi a especialidade de cirurgia pediátrica e habituei-me a vê-lo sentado na primeira fila das reuniões nacionais e internacionais, sempre com algo



de relevante a dizer”, referiu Fátima Carvalho com a admiração de quem fala de um mestre na sua especialidade. “Falar do Professor Gentil Martins é, sem dúvida, sentir o percurso de uma figura ímpar da sociedade portuguesa. É inegável que, para a maioria

dos portugueses, o Professor Gentil Martins ficará na história por ter liderado, a 30 de outubro de 1978, no Hospital Dona Estefânia, a equipa que fez um dos maiores êxitos da medicina portuguesa: separar com sucesso duas crianças siamesas". Duas irmãs que, até à data, expressam gratidão eterna ao médico que lhes permitiu ter uma vida autónoma e satisfatória e que, recentemente, estiveram presentes no doutoramento *honoris causa* do homenageado. Eram tempos em que a tecnologia não era a que existe atualmente e, nos procedimentos pioneiros, "a minúcia e a destreza do cirurgião eram fundamentais para o bom resultado da cirurgia".

Fátima Carvalho, que dirige o Serviço Cirurgia Pediátrica do Centro Materno-infantil do Norte/ Centro Hospitalar e Universitário do Porto, lembrou muitos outros pormenores de um currículo muito vasto de Gentil Martins, das especialidades de Cirurgia Plástica e Cirurgia Pediátrica, ao trabalho como oncologista pediátrico, mas também recordou como se consagrou enquanto desportista olímpico. Recordamos o tiro de carabina e com espingarda de guerra, o voleibol, o ténis ou o *badminton*. Como salientou a oradora, o percurso de António Gentil Martins é multifacetado e "algures na sua juventude venceu um concurso de beleza na praia do Tamariz", referiu num tom mais descontraído, elogiando a capacidade e foco que permitiu que António Gentil Martins optasse pelo caminho difícil que foi dedicar-se à medicina. Referência, natural, ao percurso à frente da OM, instituição no seio da qual foi eleito presidente em 1977 e onde permaneceu três mandatos. "Enquanto bastonário prestou um serviço público a médicos e doentes; Abdicou muitas vezes da vida pessoal para se poder dedicar a esse trabalho", enalteceu, recordando o papel fulcral do ex-bastonário no procedimento de aquisição da Quinta da Arca de Água onde está, até hoje, a sede da Ordem na cidade do Porto: "foi o Prof. Gentil Martins que disponibilizou, do fundo nacional, o dinheiro que faltava para essa aquisição, permitindo que tenhamos hoje uma sede que é motivo de orgulho para todos os médicos". A família, trave mestra de um percurso como o aqui relatado, não foi esquecida por Fátima Carvalho que lembrou a mulher extraordinária com quem António Gentil Martins casaria, nove anos mais nova, e que soube tratar os seus oito filhos, "nenhum deles médico, mas já tem duas netas formadas em medicina",



"Enquanto bastonário prestou um serviço público a médicos e doentes; Abdicou muitas vezes da vida pessoal para se poder dedicar a esse trabalho", enalteceu Fátima Carvalho

enquadrou. Sobre a personalidade forte do homenageado, referiu a determinação, como "está disposto a ouvir os outros, mas a decisão é sua", e a força de caráter para defender as suas convicções, mesmo as mais fraturantes. "Nas palavras de Adriano Moreira, Gentil Martins é um homem independente, mas que toma partido", explicou.

Como forma de conclusão, Fátima Carvalho referiu uma dessas áreas fraturantes em que tantas vezes António Gentil Martins foi mal interpretado, o que fez citando as palavras do próprio homenageado

sobre a luta que tem, há décadas, contra o atual modelo de SNS: "Dizem que sou contra o SNS, mas isso é pura desonestidade: sou contra o modelo do SNS porque para mim nenhum SNS é válido se não der

liberdade de escolha ao doente". "Para além de um nome, temos uma obra que o torna imortal, muito obrigada por existir", concluiu Fátima Carvalho enaltecendo o notável percurso deste médico.

### Fui mais Ordem que marido de alguém...

A agradecer, António Gentil Martins, que nasceu na Lapa a 10 de junho de 1930, fez a plateia sorrir ao admitir que, tal como a apresentação frisou, gosta de facto "de muitas coisas". "Mas, acima de tudo gosto dos doentes e de os tratar. Gosto muito de muita coisa, de desporto, música, etc. Mas a minha obsessão foi sempre o doente. Se não gostarmos do que fazemos nunca fazemos nada de jeito".

Se algum lamento houvesse seria apenas pela consciência de que "quem foi prejudicado foi a minha família e, sobretudo, a minha mulher pois, especialmente quando estava na Ordem, fui mais Ordem que marido de alguém". Mas, nessa altura, "pensei que, para o país, era mais importante que eu sacrificasse um bocadinho a família e que cuidasse da Ordem dos Médicos que para mim não era um mero sindicato, mas uma instituição que cuida dos médicos; era importante que assim fosse, com boas carreiras, boas condições de trabalho e isso era chamado ser sindical. Para mim, não era. Os médicos têm de ser apoiados" pois só assim podem defender os doentes. "O importante é o que conseguimos fazer... Quando se fez o primeiro estatuto da OM – que teve a minha autoria em certa medida – referia as funções sindicais. Foram queixar-se e foram retiradas as referências à defesa das relações de trabalho. Mas ficou referido no estatuto, por argúcia do jurista que fez o texto, que a Ordem defende os médicos a todos os níveis e eu sempre entendi que 'todos os níveis' inclui as relações de trabalho", por isso o homenageado agiu em conformidade com essa convicção, enquanto foi bastonário, e até hoje defende essa visão.

Sobre a complexidade das intervenções cirúrgicas pediátricas que realizou, explicou que a primeira "durou 12 horas só na operação pois queria salvar as duas irmãs". Mas, na seguinte, contou que "apenas" demorou 4h30; "embora fosse igual, eu já sabia e era só repetir", referiu, com modéstia. Antes da primeira operação, António Gentil Martins viu, num congresso em



"Mas, acima de tudo gosto dos doentes e de os tratar. Gosto muito de muita coisa, de desporto, música, etc. Mas a minha obsessão foi sempre o doente. Se não gostarmos do que fazemos nunca fazemos nada de jeito"

França, um filme de 15 minutos sobre a separação de siameses. "Mas, na realidade, uma operação de separação de siameses dura horas", por isso, assume com um sorriso: "aprendi pouco com o vídeo". Valeram-lhe alguns livros e uma destreza cirúrgica que António Gentil Martins não referiu, mas que os pares lhe reconhecem e que o seu currículo (com)prova. A concluir a homenagem, Maria do Sameiro Barroso ofereceu um poema de sua autoria onde enalteceu precisamente o "divino artífice" que é reconhecido em António Gentil Martins.

## Congresso História da Medicina com homenagens, exposições e visitas às joias do Património de Coimbra

Ao longo de três dias, Coimbra acolheu o congresso “Congresso Internacional Scientiae thesaurus mirabilis: A Universidade de Coimbra – História e legado em tempo de pandemia”. Em tempo de pós-pandemia, faz-se uma revisitação do passado. Como terminaram as pandemias da História?

A Ordem dos Médicos não podia deixar de responder ao desafio de pensar sobre as pandemias da História, propondo também uma reflexão sobre a História da Universidade de Coimbra, uma das mais antigas da Europa. Nesse sentido, foi levado a cabo o “Congresso Internacional Scientiae thesaurus mirabilis: A Universidade de Coimbra – História e legado em tempo de pandemia”, nos dias 13, 14 e 15 de outubro de 2022 em Coimbra, evento coorganizado pela Secção Regional do Centro da Ordem dos Médicos, pelo Núcleo de História da Medicina da Ordem dos Médicos e, também, pelo Centro de Investigação em Antropologia e Saúde da Universidade de Coimbra (ver sessão de abertura e homenagem ao Professor Doutor António Gentil Martins nas páginas 42).

Um dos momentos em destaque foi a homenagem ao Professor Renato Trincão, fundador do Museu de Anatomia Patológica da Universidade de Coimbra e, também, da Sociedade Portuguesa de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, evocação realizada no último dia do congresso. Recordou-se uma referência notável da Anatomia Patológica, nascido na vila da Feira (Aveiro) a 17 de dezembro de 1920 e que veio a falecer a 11 de julho de 1996, vivendo em Coimbra desde os quatro anos. Coube à diretora do Instituto de Anatomia Patológica e Patologia Molecular da FMUC, Lina Carvalho, fazer a apresentação que prestou tributo ao legado do patologista Renato Trincão. “O Professor Renato Trincão é a memória viva e atual da Anatomia Patológica em Portugal”, considerou Lina Carvalho, destacando o facto de ser ele o “pai do Museu de Anatomia Patológica, que ajudou a reestruturar e amplificar no ano de 1956”. A atual diretora do instituto de Anatomia Patológica e Patologia Molecular da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (FMUC) que desde 2013 tem agregado o Museu de Anatomia Patológica des-

tacou ainda o notável percurso do homenageado que, além de ter sido docente na FMUC, foi autor de vários livros e artigos científicos.



Ao longo de três dias, pelo Salão de S. Tomás de Aquino (auditório) do Seminário Maior de Coimbra foram sendo abordadas as pandemias do passado e a atual pandemia COVID-19, provocada pelo coronavírus SARS-Cov-2. O impacto das malforma-



ções congénitas na História da Ciência desde o alvorecer dos tempos e a museologia médica foram também temas abordados no congresso. Partindo, aliás, do legado da mais antiga universidade, - além de continuar a ser uma das universidades mais importantes do País e que é também é um museu vivo cuja his-

tória e tesouros se analisou neste Congresso - este encontro científico pretendeu ainda abrir um espaço de reflexão sobre a utilidade das experiências e ensinamentos do passado e descobrir, estudar e valorizar e enriquecer o nosso património histórico e antropológico.



## Olhar(es) para os objetos da Medicina

Três exposições receberam os congressistas assim que era transposta a porta do auditório. Com apresentação de vídeo, a exposição "Carolina Beatriz Ângelo - Uma Mulher na Medicina dos Homens"; e outras duas: "Narrativa e Medicina: Doença e Diálogo: Ex-Votos", da autoria do Professor Doutor João Patrício; e "Os Instrumentos", do médico otorrinolaringologista Pedro Tomé. No flyer deste núcleo expositivo, explicava-se que esta mostra resulta da "recuperação de utensílios de prática médica focada em especial na área da otorrinolaringologia, especialidade praticada pelo colecionador", acrescentando que ela "mais não tenta que despertar o sentimento muito presente de que o passado produziu peças de inegável beleza, fez tentativas de superação das dificuldades notáveis e merece ser conhecido e reconhecido pelas gerações que desfrutaram dessa

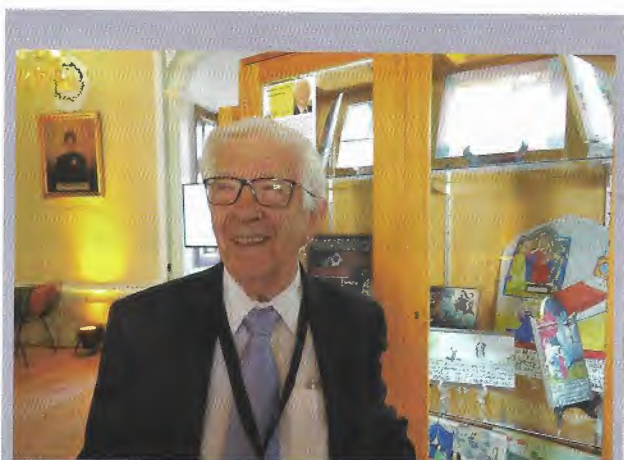


atividade". O flyer refere ainda: "É importante que se organizem núcleos museológicos dedicados às diversas atividades de uma profissão que, por mais tecnológica que seja, não deixará de ser uma arte".



## Informação REGIÃO CENTRO

Para o autor de "Memórias de Medicinas de ontem/Antropologia da Doença | Ex-votos", o médico cirurgião João Patrício, a sua exposição que resulta da recolha e análise de Ex-votos, trata-se de ter o "testemunho da espiritualidade que liga diretamente o doador à divindade. Trata-se de um objeto de devoção que engloba multidões de crentes, seja em práticas de magia, superstição ou de religiosidade", lê-se na folha de sala desta exposição patente no auditório do Seminário Maior de Coimbra. O cirurgião pioneiro na Cirurgia Plástica Reconstructiva em Portugal tem uma vasta coleção de ex-votos.



Escreve no mesmo documento posto à disposição do público: "Cada peça regista um momento histórico na vida do indivíduo, de uma família ou da sociedade em que se integra, e o agradecimento pelo favor usufruído".



Este evento científico, apresentado ao longo de três dias pela médica de família Liliana Constantino (do Gabinete de Apoio ao Médico da Secção Regional do Centro da Ordem dos Médicos) contou ainda com o lançamento do livro *Vesalius Supplement - "Asclepius in Lisbon. Proceedings of the 45th Congress of the ISHM Lisbon 3-7 september 2018"*, de Francesco Maria Galassi; e apresentação dos livros *"Medical Heritage of the National Palace of Mafra"*, Cambridge Scholars Publishing, do Professor Alfredo Rasteiro; e *"História da Ciência no Ensino - Revisitando Abordagens, Inovando Saberes"*, apresentado pela Professora Carlota Simões, Imprensa da Universidade de Coimbra.

Mas este congresso teve ainda outros momentos especiais: as visitas guiadas. A primeira ao próprio local onde decorreu o evento, o Seminário Maior, edificação com mais de 250 anos e um exemplo notável da presença da arte italiana do século XVIII em Portugal. Depois, e antes do jantar oficial de encerramento, no final de três dias deste evento internacional, os congressistas foram visitar o CIAS (Centro de Investigação em Antropologia e Saúde da Universidade de Coimbra) e a exposição dedicada aos Procedimentos Médicos identificados nas coleções osteológicas da Universidade de Coimbra (séc. XIX-XX), o Gabinete das Curiosidades do Museu da Ciência, a Biblioteca Joanina e o Museu de Anatomia Patológica.